

Eduardo Alves Vasconcelos
(Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas,
Universidade Federal do Amapá (NELI/UNIFAP))

**Os registros linguísticos dos viajantes
naturalistas Emmanuel Pohl (1782-1834)
e Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)***

ABSTRACT: During the first quarter of the nineteenth century, Brazil received many naturalist travelers who entered into regions hitherto little or nothing known by other European nations. By traveling the inland provinces, these scientists encountered not only the nature still little studied, but also various indigenous peoples in different stages of approach of the colonization fronts. Among the naturalist travelers of the first quarter of the nineteenth century, this study aims to analyze the production of word lists by Emmanuel Pohl (1782-1834) and Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), who carried out their scientific journey through the Brazilian territory almost at the same time, also coursing common portions. These two naturalists are also responsible for the linguistic only records known of South Cayapó from the village of San José de Mossâmedes, Goiás.

Keywords: Naturalist travelers. Brazilian Indigenous Languages. Auguste de Saint-Hilaire. Emmanuel Pohl.

RESUMO: Durante o primeiro quarto do século XIX, o Brasil recebeu a visita de diversos viajantes naturalistas que adentravam regiões até então pouco ou nada conhecidas pelas demais nações europeias. Ao percorrerem as províncias do interior, estes cientistas vão se deparar não somente com uma natureza ainda pouco estudada, como também com diversos povos indígenas em diferentes estágios de aproximação com as frentes de colonização. Dentre os viajantes naturalistas do primeiro quarto do século XIX, este estudo se propõe a analisar a produção de listas de palavras por Emmanuel Pohl (1782-1834) e Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que realizaram sua viagem científica pelo território brasileiro quase ao mesmo tempo, inclusive percorrendo trechos comuns. Estes dois naturalistas são também os responsáveis pelos únicos registros linguísticos conhecidos dos Cayapó do Sul, do aldeamento de São José de Mossâmedes, Goiás.

Palavras-chave: Viajantes naturalistas; Línguas Indígenas Brasileiras; Auguste de Saint-Hilaire; Emmanuel Pohl.

* Este artigo é resultado de Exame de Qualificação (2013), avaliado por banca composta pela Profa. Dra. Carolina Rodriguez (Presidente), Profa. Dra. Cláudia Pfeiffer e Profa. Dra. Suzy Lagazzi.

1. Introdução

Segundo a projeção de Rodrigues (1993), seriam faladas no atual território brasileiro, na época da conquista, aproximadamente 1.175 línguas, das quais sobrevivem hoje pouco mais de duas centenas.¹ De boa parte das línguas extintas, restam-nos poucos e escassos registros, muitos deles restritos a listas de palavras que não ultrapassam uma centena de itens. Rodrigues (1993: 86) explica que: “até o fim do séc. XVIII tinham sido publicadas duas gramáticas e dois catecismos em Tupinambá, além de observações gramaticais, textos e palavras dessa mesma língua em obras francesas, e uma gramática e dois catecismos em Kariri, língua do interior da Bahia e Sergipe”²

O quadro de registros mais robustos de línguas indígenas em território brasileiro não mudará até o início das expedições de Karl von den Stein (1855-1929) pelo rio Xingu, em 1884. Neste período, que corresponde à expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas (1759) e à chegada dos cientistas alemães ao Xingu (1884), são encontradas somente listas de palavras, coletadas por viajantes-naturalistas, que após a abertura dos portos brasileiros (1808) percorrem a América Portuguesa. Deste período a publicação mais importante é, sem dúvida, o *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863) de Karl von Martius (1794-1868), que reúne vocabulários e listas de palavras coletadas por Martius e Spix durante sua expedição pelo interior do Brasil (1817-1820), e aquelas publicadas em relatos de viajantes e missionários:

a coleção de glossários aqui oferecidos, em grande parte consiste de palavras que eu e o meu defunto companheiro de viagem, o Doutor Spix, notamos por escrito da boca dos índios; outras tenho extraído de diversos livros e manuscritos para facilitar a comparação das linguagens entre si (Martius 1863: XII).³

Assim, para as línguas indígenas brasileiras, é preciso delimitar um período de registro ou, nos termos de Auroux (1992a), de *gramatização* ocorrido nos primeiros séculos de colonização, realizado por missionários jesuítas, que resultou em gramáticas e dicionários.⁴ E outro período em que os registros dos missionários serão substituídos pelos dos viajantes-naturalistas e as gramáticas e dicionários, nascidos de um longo período de convívio cotidiano com um determinado povo, dão lugar a um pequeno número de palavras, anotadas nos breves contatos dos viajantes com os povos indígenas.⁵ Outra diferença crucial entre estes dois momentos é o número de línguas conhecidas, pois os viajantes naturalistas, em seus percursos pelas províncias do interior, se defrontaram com a grande diversidade de línguas ainda pouco ou nada conhecidas pelos europeus.

¹ Segundo censo demográfico de 2010 (IBGE 2010), no Brasil são faladas cerca de 240 línguas indígenas por 305 etnias.

² Nunes (2006) explica que tanto o “*Vocabulário da língua brasílica*” quanto o “*Dicionário Portuguez-Brasíliano e Brasíliano-Portuguez*” circulavam nas missões jesuíticas entre o fim do século XVI e XVII. Este último foi publicado em Lisboa em 1795. Segundo Nunes (2006: 56) “o percurso que vai desde o manuscrito do DPB [Dicionário Portuguez-Brasíliano] até sua edição reflete a substituição da prática jesuítica, banida em 1759, pela prática editorial e de arquivo que vem marcar o final do século XVII e início do XVIII”.

³ Deve-se a Martius também a ruptura com a classificação das línguas indígenas brasileiras entre Tupi e Tapuia. Sobre a obra linguística de Karl von Martius, conferir Cruz (2005).

⁴ Também em catecismos, mantendo a tríade gramática-dicionário-doutrina (Nunes 2006).

⁵ O vocabulário Botocudo coletado por Maximiliano Wied-Neuwied, que tem cerca de 400 itens, diverge do padrão encontrado nos demais viajantes, bem como diverge dos demais registros de línguas indígenas realizados pelo próprio Maximiliano, o que se explica pela ida de Queck, índio botocudo, para Alemanha, o que permitiu, inclusive, a breve análise da língua por Goetling (cf. Wied-Neuwied 1958 [1820]).

A política portuguesa de manter em segredo todo o conhecimento sobre Brasil só foi alterada com a chegada da família real em 1808. Antes disso, somente no final do século XVIII a coroa portuguesa financia uma grande expedição às províncias do interior, levada a cabo pelo brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). A denominada Expedição Filosófica de Alexandre Ferreira percorreu a então província do Grão-Pará e Rio Negro, chegando às cabeceiras do rio Paraguaí, no Mato Grosso. Contudo, seus resultados foram tardiamente publicados.⁶ O conhecimento da Europa sobre o território brasileiro só vai ser alterado no primeiro quarto do século XIX, com a mudança de postura de Portugal quanto ao seu território na América, que tem como consequência o aparecimento na Europa oitocentista de inúmeros diários de viagens e tratados de ciências naturais tendo como tema o Brasil.

As expedições deste período ao território brasileiro foram, sem dúvida, impulsionadas e influenciadas pelos resultados da viagem científica de Alexander von Humboldt (1769-1859), que entre os anos de 1799-1804 empreendeu uma viagem pelos atuais territórios da Venezuela, Cuba, Colômbia, Peru, Equador e México. A publicação dos resultados da sua viagem, bem como dos seus diários, gerou grande excitação nos meios científicos europeus, principalmente naqueles relacionados às ciências naturais: botânica, zoologia, mineralogia, etc. Segundo Costa (2008), Alexander von Humboldt foi o grande incentivador de Maximiliano Wied-Neuwied (1782-1867), que empreendeu sua viagem pelo Brasil entre 1815 e 1817. Beluzzo (1996) explica que a *geografia botânica* de Alexander von Humboldt foi praticada pelos cientistas da missão austríaca, da qual Martius, Spix, Natterer e Pohl são membros. Já para Kury (2001), tanto Martius quanto Saint-Hilaire vão reivindicar a influência de Alexander von Humboldt.

Entre as expedições e viagens pelo Brasil no primeiro quarto do século XIX, este estudo se dedica às viagens de Emmanuel Pohl (1782-1834) e Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853). As expedições destes dois naturalistas se destacam por, em seu percurso, adentrarem regiões até então pouco visitadas por naturalistas europeus, refazendo os caminhos das bandeiras paulistas, chegando ao território goiano, explorando os caminhos do ouro e dos minérios, seguindo pelas estradas reais que levam tropeiros e suas mercadorias para o interior do Brasil. Outro ponto de intersecção entre estes dois viajantes-naturalistas é o período em que estiveram no Brasil: Pohl, de 1817 a 1821, e Saint-Hilaire, de 1816 a 1822. Além disso, em seus percursos pelas províncias centrais e meridionais do país, estes dois cientistas perfazem trechos comuns: o primeiro é a estrada de Rio de Janeiro à Vila Boa, capital da província de Goiás; e Pohl, ao reentrar em Minas Gerais, visita a região de Minas Novas, já no ano de 1820, por onde tinha excursionado Saint-Hilaire no ano de 1816. Em seus percursos, tanto Pohl quanto Saint-Hilaire se ocuparam com a elaboração de listas de palavras de línguas indígenas e são responsáveis pelas únicas listas de palavras conhecidas dos Cayapó do Sul, aldeados em São José de Mossâmedes, nos arredores de Vila Boa.⁷

⁶ Os documentos da Expedição Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira foram levados para Paris quando Napoleão invadiu Portugal. Somente uma parte foi devolvida ao naturalista, já às vésperas de sua morte. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no final do século XIX, publicou o início da sua viagem; contudo, só muito recentemente os documentos são publicados em sua íntegra (cf. Silva 2006). Os manuscritos da expedição pertencem, hoje, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁷ Sobre os Cayapó do Sul aldeados nessa região, há ainda uma lista de nomes próprios, de 1782, produzida durante a cerimônia de batismo dos menores de 11 anos, que fazia parte das atividades de recepção dos Cayapó do Sul à Vila Boa. Este grupo foi enviado para Aldeia de Maria I, nas proximidades da capital goiana (cf. Giralдин 1996).

2. Emmanuel Pohl: adentrando território Jê

Emmanuel Pohl (1782-1834) era um naturalista austríaco que fez parte da comissão científica que acompanhou a Arquiduquesa Leopoldina quando do seu casamento com então príncipe Dom Pedro. Comissão formada, entre outros, por Johann Spix, Carl von Martius e Johann Natterer (1787-1843). Após o retorno à Europa do botânico Johann Mikan (1769-1844), Pohl, até então responsável pela coleta do material mineralógico, também assume a coleta de material botânico, ao lado de von Martius. Ao deixar o Rio de Janeiro, em setembro de 1818, seguiu para as províncias de Minas Gerais e Goiás. Em Goiás, após chegar à capital Vila Boa, continuou seu percurso pelo norte da província, alcançando Porto Real, onde inicia uma viagem pelo rio Tocantins⁸ até a vila de Cocal, já na divisa com o Maranhão.⁹ Empreende por terra o retorno a Porto Real e Vila Boa, para depois empreender sua viagem pelo norte de Minas Gerais, região então conhecida como Minas Novas. Desce o rio Jequitinhonha, depois segue para Vila Rica e retorna ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1821.

Os seus diários foram publicados em Viena, em dois volumes, o primeiro em 1832, compreendendo sua saída de Viena, as incursões realizadas pelos arredores do Rio de Janeiro, o início do percurso pelo sul de Minas Gerais, sua entrada em Goiás e termina com sua visita a São José de Mossâmedes (onde entrou em contato com os Cayapó do Sul) e arraiais próximos à Vila Boa. Enquanto o segundo, publicado em 1837, apresenta o restante da sua viagem pelo norte da província de Goiás (em que visita o aldeamento de Carretão de Pedro III, onde estavam os Xavante), a reentrada em Minas Gerais e retorno ao Rio de Janeiro.

Quanto às línguas indígenas, são encontrados dois registros em seus diários, um dos Cayapó do Sul aldeados em São José de Mossâmedes e outro dos Xavante do aldeamento do Carretão de Pedro III.¹⁰ Estes são os únicos registros de línguas indígenas realizados por Pohl, apesar do contato com outros grupos Xavante (do rio Tocantins), com os Craôs e Porecamecrãs, no Norte Goiás (atual Tocantins), e ainda Botocudo e Maxacali, em Minas Gerais. Para os Porecamecrãs, Pohl (1951[1837]: 153) explica que “*como amostra, dou, no apêndice, algumas das palavras desses índios*”, porém, como aponta o responsável pela tradução brasileira de 1951, Teodoro Cabral, “*a prometida lista não aparece no Apêndice*” (N. T.: 153).¹¹

A produção linguística de Pohl é bem distinta daquela de Saint-Hilaire, principalmente quanto ao número de registros realizados. Essa produção tem por característica a adoção da ortografia alemã, acrescida de diacríticos no caso do Cayapó do Sul, e, nos dois casos, são listas com menos de uma centena de itens (64 itens para o Cayapó do Sul e 71 para o Xavante). Além disso, o registro do Cayapó do Sul é o primeiro realizado por Emmanuel Pohl de uma língua indígena.

⁸ Pohl opta por utilizar a denominação Maranhão para este rio e explica em nota que “*este grande rio é chamado sempre de Tocantins pelos habitantes de Goiás, ao passo que os habitantes do Pará o denominam Maranhão; é, porém, um único rio*” (Pohl 1976 [1832]: 122).

⁹ O então norte da Capitania de Goiás corresponde hoje ao estado de Tocantins.

¹⁰ O aldeamento recebe este nome em homenagem ao Rei de Portugal e Algarves, Pedro III, que governou, ao lado de Maria I, entre 1777 e 1786.

¹¹ A Grafia dos nomes indígenas segue tal como a publicação de Pohl (1832).

Sobre a língua falada pelos Cayapó do Sul, ele se limita a informar que “*a língua dos caiapós consiste, na maior parte, em palavras isoladas ditas umas após as outras. Elas a proferem, em parte, com a boca aberta. Não pude reunir expressões conexas, mas várias palavras soltas*” (Pohl 1976[1832]: 155). E para os Xavante do aldeamento do Carretão de Pedro III, “*no que concerne à sua língua primitiva, é bem diversa do dialeto dos caiapós, mas deve ser bastante semelhante ao dos xavantes*”¹² (Pohl 1976 [1837]: 182).

A lista de palavras do Cayapó do Sul segue em apêndice ao capítulo em que narra sua estada em São José de Mossâmedes, enquanto o registro do Xavante vem no corpo do texto. As listas são apresentadas em duas colunas, itens em alemão na primeira coluna e a correspondência em língua indígena na outra. A apresentação da lista Cayapó do Sul no apêndice está em conformidade com a advertência de Pohl (1975 [1832]: 14) de que “*o Autor separa a narração pitoresca, que oferece naturalmente interesse geral, a apresentar à parte tudo que é rigorosamente científico*”. Entende-se por “*rigorosamente científico*” suas observações mineralógicas e, uma vez que aí também se encontra a lista Cayapó do Sul, os registros linguísticos. A apresentação da lista do Xavante no corpo do texto e não no apêndice pode ser delegada aos responsáveis pela publicação do tomo II (publicado em 1837), o qual não foi acompanhado por Pohl, que faleceu em 1834.

Sobre a organização interna dos registros, a lista Cayapó do Sul é iniciada por ‘aguardente’, ‘milho’ e ‘feijão’, logo após termos relacionados à catequização – ‘deus’, ‘igreja’, ‘céu’ e ‘sacerdote’ –, segue-se elementos da natureza (‘terra’, ‘serra’), para em seguida apresentar animais domésticos (‘cachorro’ e ‘vaca’). A incipiente organização fica explícita na sequência ‘casa’, ‘fumo’, ‘arroz’, ‘farinha’, ‘arco’ e ‘flecha’. Dentre os termos coligidos, é possível somente estabelecer dois conjuntos de temas: o primeiro relacionado a utensílios – ‘faca’, ‘sabre’, ‘espingarda’, ‘munição’, ‘enxada’, ‘foice’, ‘machado’ e ‘papel’ –; e o segundo a parentesco – ‘menino’, ‘menina’, ‘pai’, ‘mãe’ e ‘criança’, contudo, este grupo tem uma interrupção entre ‘menina’ e ‘pai’, em que o autor insere o termo para ‘cesto’. Tal assistemática se mantém no decorrer da lista; por exemplo, uma sequência de verbos (‘comer’, ‘dormir’, ‘trabalhar’, ‘casar’ e ‘caçar’) é interrompida por uma dezena de itens diversos, como ‘pão’ e ‘ouro’, para acrescentar, mais adiante, mais dois verbos (‘morrer’ e ‘dançar’). A falta de organização por área temática não expõe nenhum outro padrão, alfabético, por exemplo, sugerindo que os itens são apresentados na mesma sequência em que foram coletados.

No registro do Xavante, por sua vez, os itens são agrupados por temas; por exemplo, os de parentesco estão em sequência, enquanto todos os verbos aparecem juntos no final da lista; somente os termos para fenômenos da natureza estão divididos em dois conjuntos: o primeiro com ‘água’, ‘fogo’, ‘terra’, ‘céu’, ‘sol’, ‘lua’ e ‘estrela’, e o segundo com ‘pedra’, ‘mata’, ‘montanha’, ‘ouro’, ‘ferro’, ‘chuva’ e ‘granizo’. No entanto, tal disposição dos termos neste registro não é necessariamente uma opção de Pohl, pois as divergências quanto à apresentação e organização encontradas entre as duas listas de palavras podem ser relacionadas ao tratamento dado aos originais, já que, como exposto, o segundo tomo fora publicado sem o acompanhamento do naturalista: “*a prolongada enfermidade que precedeu o lamentável desaparecimento do autor; Dr. J. E. Pohl, impediu que ele se encarregasse pessoalmente da edição deste segundo tomo de Viagem no Interior do Brasil. Entre os seus papéis, contudo, foi encontrado o Diário completo, cuja impressão o Imperador [Francisco I] ordenou*” (Pohl 1976 [1837]: 167).

¹² Refere-se aos Xavante do rio Maranhão (Tocantins).

Levantadas as características dos registros produzidos por Pohl (1832-1837), nos deteremos nas características dos registros de Saint-Hilaire, para mais adiante observamos as proximidades e distanciamentos entre a única lista de palavras comum entre esses dois naturalistas, aquelas coletadas entre os Cayapó do Sul.

3. August de Saint-Hilaire e os povos indígenas do interior do Brasil

Auguste de Saint-Hilaire, botânico francês, viajou pelo Brasil com o apoio do Museu de História Natural de Paris e financiamento do Ministério do Interior francês. Este naturalista veio como membro da comissão diplomática, chefiada pelo conde de Luxemburgo, enviada para solucionar a questão da Guiana Francesa, a qual foi anexada ao território brasileiro por Dom João VI, logo após a transferência da coroa portuguesa para o Rio de Janeiro. Saint-Hilaire desembarcou no Brasil em 1816 e permaneceu até 1822 (Kury 2003; Rios 2009), sua missão era realizar coletas botânicas para enviar à Paris. Nos seis anos que aqui permaneceu, fez uma longa jornada pelo interior, percorrendo as então províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Chegou até o rio da Prata, percorrendo a província da Cisplatina, de onde seguiu até as missões jesuíticas no Paraguai. Retornou para Europa em junho de 1822 (Moraes 1940).

Os seus diários foram publicados com título *Voyage dans l'Intérieur du Brésil*, em quatro volumes entre 1830 e 1851, com dois tomos cada volume. A enfermidade contraída ainda no Brasil gerou intervalo de 14 anos entre o volume dois (*Voyage dans le District Diamantine et sur le Litoral du Brésil*, 1833) e o volume três (*Voyage aux Sources du Rio S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, tomo I em 1847 e tomo II em 1848). E, por fim, o trecho do seu diário referente ao percurso pelo Rio Grande do Sul, Cisplatina e Missões Paraguaiaias foi publicado somente em 1887, após o seu falecimento, a partir da versão manuscrita produzida durante a sua viagem, tendo como editor R. de Dreusy. Sobre a elaboração das publicações, Moraes (1940), a partir da análise da edição do *Voyage à Rio Grande do Sul* (1887), explica que enquanto as outras relações estão cheias de notas elucidativas, citações e acréscimos, a Viagem ao Rio Grande do Sul não traz comentários, o que bem demonstra ter-se valido Saint-Hilaire de seu diário redigido durante a viagem apenas como um borrão, fazendo todo o trabalho da redação definitiva tendo à mão farta documentação, consultada a todo o momento (Moraes 1940: 12).

Em seu percurso, Saint-Hilaire elaborou quatorze listas de palavras entre os seguintes povos: Coroado de Ubá, Malali, Monoxó, Macuni, Botocudo de São Miguel, Maxacali, Língua Geral da Aldeia de São Pedro (Rio de Janeiro), Língua Geral da Vila Nova de Almeida (Espírito Santo), Cayapó do Sul,¹³ Língua Geral da Aldeia das Pedras (Triângulo Mineiro), Xacriabá,¹⁴ Guanhanã,¹⁵ Coroado de Guarapuava¹⁶ e Guaicuru.¹⁷ Seus registros

¹³ Em Saint-Hilaire (1848), *Coiopós* (cf. seção 4).

¹⁴ Saint-Hilaire (1848) anota Chicriabá, sendo estes os mesmo Xacriabás do norte de Minas Gerais, aldeados aí junto com os índios de Antônio Pires de Campo contratados para expulsarem os Cayapó do Sul da estrada de Goiás (Cf. Almeida 2006).

¹⁵ Kaingang de São Paulo.

¹⁶ Também Kaingang, porém da região de Guarapuava.

¹⁷ Saint-Hilaire encontra uma mulher Guaicuru nas proximidades da cidade uruguaia de Belém, à margem do rio Uruguai, já na fronteira com a província de Corrientes, Argentina. Ele explica que as mulheres vinham do norte da província de Santa Fé, Argentina.

têm como característica comum contar com um pequeno número de itens (as listas mais extensas têm pouco mais de 60 palavras) e a opção pela ortografia do português que, segundo Saint-Hilaire, “*se aproxima mais do que a nossa [ortografia do francês] da maneira de pronunciar, e pode reproduzir sons anasalados mais ou menos semelhantes aos das línguas indígenas*” (1975a [1830]: 181).¹⁸

A produção das listas de palavras pressupõe necessariamente uma alfabetização, ou seja, transcrição da língua em caracteres latinos e, como aponta Auroux (1992b), a tentativa de alfabetizar outras línguas se dá por adaptações, complementações, substituições e invenções de novos elementos “*le tout grâce à l’oreille, à la comparaison et à des considérations articulatoires sommaires*” (Auroux 1992b: 599). Em Saint-Hilaire, a cada lista de palavras coletada seguem observações quanto à representação dos sons, ou melhor, uso das letras do alfabeto latino. Seus registros oscilam entre a ortografia do francês, sua língua materna, e a ortografia do português, a qual, como exposto, ele considera mais adequada à transcrição dos termos anotados: “*empreguei ainda aqui a ortografia portuguesa com a adição da letra k e do acento circunflexo dos franceses*” (Saint-Hilaire 1975a [1830]: 253). Os limites impostos pelas grafias utilizadas são resolvidos a partir de referências às demais línguas europeias – “*o s se pronuncia um pouco à maneira do th dos ingleses*” (p. 212) –, por intervenções diretas em que o referencial é a pronúncia de outra letra do mesmo alfabeto – “*o r participa do som do l*” (p. 252) – e, ainda, por descrições dos sons “*essa palavra se pronuncia com a garganta, quase sem abrir a boca*” (p. 181). A descrição da pronúncia tem o intuito de aproximar o leitor da realidade fonética percebida pelo naturalista, realidade esta que o alfabeto latino, independente da ortografia adotada, não alcança e, por conta disso, lançará mão de descrições do som como, por exemplo, neste trecho sobre o Malali: “*existe, no primeiro desses dois idiomas [Malali], palavras que mal se podem representar com nossas letras*” (Saint-Hilaire 1975a [1830]: 181). As dificuldades de representação dos sons são exemplificadas pelo trecho seguinte, sobre os Botocudos de São Miguel: “*assim, é muitas vezes difícil distinguir se pronunciam um a ou um o, um e ou um i, e tem consoantes que participam quase que igualmente do b e do m, do z e do j, do l e do n etc.*” (*id.*: 253).

As observações e comentários de Saint-Hilaire não se limitam aos recursos utilizados para a transcrição da língua registrada, nos relatos da viagem, mais precisamente, nos trechos antecedentes e subsequentes às listas de palavras que o naturalista faz considerações sobre o método utilizado para a coleta dos itens, apresenta as conclusões quanto às suas análises comparativas das línguas registradas, bem como conclusões de caráter tipológico.

¹⁸ Ou ainda, mais adiante, ao registrar o Cayapó do Sul, “*como ocorre com os diversos vocabulários registrados em meus dois relatos precedentes [Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais e Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral Sul do Brasil], foi seguida aqui a ortografia portuguesa, que em geral acompanha mais de perto do que a nossa a maneira como as palavras são pronunciadas. Além disso, essa grafia admite uma acentuação prosódica e indica vogais nasais*” (Saint-Hilaire 1975c [1848]: 68).

Quanto ao método, ele o explica – na passagem dedicada à lista de palavras dos Botocudo – que: “*após ter posto sobre o papel as palavras que me tinham sido ditadas em idioma botocudo, lia-as ao índio Jan-oé [...]*” (Saint-Hilaire 1975a [1830]: 253). Apesar de esta não ser a primeira lista a ser discutida em seus relatos, está implícita a aplicação deste método tantos nos registros anteriores quanto nos seguintes, como podemos observar entre os Coroados de Guarapuava, no volume quarto do *Voyage dans l’Intérieur du Brésil*: “*essa mulher me ditou algumas palavras de sua língua, e em seguida eu li essas palavras para uma outra mulher da mesma nação, corrigindo os erros que me haviam escapado. Era o método que eu sempre seguia, quando possível*” (Saint-Hilaire 1978 [1851]: 81). A explicação do método tanto tem o objetivo de validar o registro, ou seja, torná-lo mais confiável, uma vez que o naturalista afirma corrigir os possíveis erros, quanto de servir de orientação aos demais viajantes-naturalistas que se dedicaram ao estudo das línguas indígenas.

Em perspectiva, observa-se nos registros de línguas indígenas por Saint-Hilaire constituições de padrões, seja na apresentação das listas de palavras, no conteúdo destes ou na sua organização interna da lista. Tais padrões são resultado do acúmulo de experiência do naturalista com esta atividade, bem como intimidade com demais documentos e relatos sobre o território brasileiro e suas línguas. Especificamente sobre a apresentação das listas, no primeiro volume de sua viagem elas não geram interrupção no gênero do relato, os itens são dispostos em um único parágrafo na ordem francês-língua indígena (cf. Figura 1); já no segundo volume, as listas são apresentadas em colunas (cf. Figura 2), inserindo, a partir desse segundo volume, um gênero específico para os registros lingüísticos (cf. Figura 3).

Voici les mots qu’ils me communiquèrent; je les écrivis tels qu’ils doivent se prononcer d’après l’orthographe portugaise, qui s’écarte moins que la nôtre de la représentation exacte des sons : Dieu, *Tupan*; eau, *nhuman*; feu, *motè*; soleil, *copé*; tête, *kè*; lune, *pergran*; homme, *cuaiman*; femme, *boiman*; enfant, *spona (a fermé)*; père, *seleua*; mère, *ioua*; fils, *smeiua*; main, *juparé*; bras, *nhat*; doigt, *tupié*; pied, *jupareuan*; yeux, *murim*; nez, *nhim*; bou-

Figura 1: Excerto da lista dos Coroados de Ubá, 1ª lista produzida por Saint-Hilaire (*Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, 1830, p. 46)

Français.	Dictionnaire des jésuites.	Dialecte de S. Pedro.	Dialecte d'Almeida.
Tête.	Acánga.	Nhacanga.	
Cheveux.	A'ba.	Java.	Ava.
OEil.	Ceça.	Ceca.	
Nez.	Tîm.	Itchi.	
Bouche.	Juru.	Juru.	
Oreille.	Namby.	Namby.	
Cou.	Ajuru.	Jajiura.	

Figura 2: Excerto das listas das aldeias de São Pedro e Vila Nova de Almeida
(Voyage dans les District de Diamans et Sur le Littoral du Brésil, 1833, p. 293)

Voici les mots qui me furent communiqués par les deux
femmes coroadas :

Soleil,	Êlê (l participe du son de l'r).
Lune,	Cōchê (prononciation lente).
Étoiles,	Crinhê.
Terre,	Nga.
Feu,	Pin.
Eau,	Goio (le dernier o est très-ouvert).
Pluie,	Ta.
Pierre,	Pa (l'a se prononce à peu près comme

Figura 3: Excerto da lista dos Coroados de Guarapuava
(Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine, 1851, pp. 141-2)

Quanto ao conteúdo, Saint-Hilaire manterá um conjunto de itens comum, no qual encontramos termos referentes a partes do corpo (cabeça, olhos, nariz, braço, etc), parentesco (homem, mulher, pai, mãe, etc), elementos da natureza (sol, lua, água, fogo, etc), fauna (pássaro, anta, cavalo, etc.) e catequização (Deus, igreja, etc). Dentre estes temas, somente nas listas Xacriabá e Coroados de Guarapuava não são encontrados itens relacionados à catequização. Com exceção do Maxacali e Língua Geral de Nova Almeida, em todas as listas há, pelo menos, um item de fauna e entre as listas publicadas nos dois últimos volumes (correspondente às viagens pelo sul de Minas Gerais, Goiás e São Paulo) há um conjunto de termos de fauna recorrente (cavalo, anta, veado, pássaro e bicho-de-pé).

E é justamente nas listas dos dois últimos volumes que podemos também observar mais proximidade quanto à ordem dos termos e a delimitação dos itens básicos. Por exemplo, na lista dos Coroados de Guarapuava há um maior número de itens relacionados à fauna do que nas listas do Cayapó do Sul e do Xacriabá, porém, esses “novos” itens são inseridos somente após os termos comuns que aparecem naquelas duas listas.

A produção de listas de palavras insere tanto Saint-Hilaire quanto Pohl numa tradição que remete aos viajantes da Renascença: “*l’occidental se déplace dans cet espace, puis il raconte son voyage en décrivant ce qu’il voit et rencontre (‘histoire naturelle et morale’); dans son récit se greffent glossaires, remarques linguistiques, aperçus sur le passé des peuples rencontrés e sur leurs intuitions*” (Auroux et Hordes 1992); e como exposto anteriormente, numa longa tradição lexical, que remete ao aparecimento da escrita. Contudo, a prática de Saint-Hilaire vai se aliar também a outra tradição: a histórico-comparativa. Entendida aqui na perspectiva de Auroux & Horde (1992), segundo a qual o comparatismo não nasce espontaneamente no século XIX, ele é antes uma transformação dentro do paradigma histórico-comparativo, que se desenvolve como uma das consequências da gramatização das línguas do mundo desde a renascença.

A comparação em Saint-Hilaire é uma tentativa de resposta à diversidade linguística encontrada em seu trajeto pelo interior do Brasil. O naturalista busca alcançar a história dos povos por traços culturais e linguísticos. Para exemplificar as motivações e questões que norteiam as suas considerações comparatistas selecionamos os trechos seguintes. O primeiro foi redigido quando esteve entre os coroados do rio Bonito e, levado pela designação dada ao povo, expressa o estranhamento à falta de afinidade entre os registros destes coroados com os da então província de São Paulo:¹⁹

uma vez que ainda existem no dialeto dos coroados do Rio Chipotó e no dos indígenas do Rio Bonito indícios bastante evidentes de uma origem comum, essas características também deviam ser encontradas nos Coroados da Província de S. Paulo, já que eles descendem igualmente dos Goitacazes, cuja dispersão se fez a um só tempo; ora, não sucede assim (Saint-Hilaire 1975b [1847]: 39).

A importância das características linguísticas para aproximar dois povos está presente no registro dos índios do povoado de Pasanha,²⁰ onde na aldeia Santo Antônio, estão os Malalis e Monoxós; a lista coletada entre eles é pequena (29 itens para cada língua), os termos são justapostos, em um mesmo parágrafo, na ordem francês-Malali-Monoxó e Saint-Hilaire explica que: “*aliás, se é verdade, como o pretendem os Malalis, que eles e os Monoxós têm origem comum, é bem extraordinário que suas línguas divirjam tanto entre si*” (Saint-Hilaire 1975a [1830]: 181). Já no próximo registro, os do Macuni da Aldeia do Alto dos Bois,²¹ Saint-Hilaire (*idem*) faz a seguinte observação: “*o Macuni não tem a menor semelhança com o idioma dos Malalis, porém, se parece muito com o dos Monoxós*” (p. 211). E mais adiante, entre os Botocudos de São Miguel “*algumas das línguas indígenas, cujos vocabulários se encontram nessa obra, mantêm entre elas relações que indicam origem comum; a dos Botocudos, porém, difere inteiramente desses idiomas*” (p. 252).

¹⁹ A denominação Coroado foi dada, além dos índios visitados por Saint-Hilaire em Ubá, aos Kaingang do Paraná (cf. nota 18) e aos Bororo do Mato Grosso.

²⁰ Atual município de Peçanha (MG).

²¹ Antigo posto militar na região do Alto Jequitinhonha.

A cada nova lista de palavras apresentada, Saint-Hilaire informa o seu leitor das suas conclusões sobre as relações de afinidade do novo registro com os registros anteriores: “*comparei esse pequeno vocabulário [dos Guanhãna de Itupeva] com os das línguas dos coroados do Rio Bonito, dos malalis, dos monoxós, dos macunis, dos botocudos, dos maxacalis, dos coiapós e dos chicriabás, não tendo encontrado a menor semelhança*” (Saint-Hilaire 1976 [1851]). Ou, ainda, induzirá o seu leitor a perceber a semelhança – “*pelo vocabulário seguinte ver-se-á que a língua dos Machaculis tem muita semelhança com a dos índios de Alto dos bois [macuni]*” (1975a [1830]: 273-274).

A apresentação dos dados comparados, que fomentam as conclusões quanto à afinidade das línguas, só está presente em quatro situações: como exposto, no registro do Malali e Monoxó; nos registros da língua geral falada na aldeia de São Pedro dos Índios (RJ) e Vila Nova de Almeida (ES), em que ele compara estes dois registros com itens retirados do “*Dicionário jesuítico*,”²² no registro da língua geral dos índios mestiços das Aldeias das Pedras no Triângulo Mineiro, que ele compara tanto com os itens do “*Dicionário jesuítico*” quanto com itens do seu registro da língua falada na aldeia São Pedro dos Índios; e, por fim, na comparação entre as listas dos Guanhãna de Itupeva e os Coroados de Guarapuava. Neste último caso, em nota à lista dos Coroados de Guarapuava, Saint-Hilaire reproduz os termos que demonstram a estreita afinidade entre as duas línguas.²³ Nas duas comparações em que é utilizado o dicionário jesuítico, os itens são apresentados em colunas: no caso dos registros do litoral, na ordem francês-registro jesuítico-lista de São Pedro-lista de Vila Nova de Almeida, explicando em nota que “*as diferenças que este quadro indica não são talvez tão grandes quanto pareçam [...]*” (Saint-Hilaire 1974b [1833]: 72). Já para o registro do Triângulo Mineiro, os itens são apresentados na ordem francês-registro de Rio das Pedras-registro jesuítico-registro de São Pedro dos Índios. O quadro de comparação é acompanhado da seguinte observação: “*darei aqui um pequeno vocabulário do idioma falado na Aldeia de Rio das Pedras [...], comparando-o com o da língua geral, tal como se encontra no dicionário dos jesuítas, e também com o dialeto derivado dessa língua e em uso entre os índios da sub-raça Tupi de S. Pedro [...]*” (Saint-Hilaire 1975c [1848]: 132).

Os pressupostos da análise comparativa de Saint-Hilaire o aproxima dos compiladores do último quarto do século XVIII. Auroux & Horde (1992: 544) vão defender que a constatação da relação entre duas línguas para os compiladores deste período “*n’est pas une donné, c’est la visée référentielle d’un fait, dépendante des termes théoriques (par exemple, la notion de parenté) que la rendent possible*”. Por este aspecto, a investigação de Saint-Hilaire está inserida, necessariamente, no saber desenvolvido até aquele momento sobre as línguas indígenas, entre elas a classificação aceita entre línguas Tupi (aí incluso o Guarani) e línguas tapuias. Diferentemente de von Martius (1863), Saint-Hilaire não propõe um novo critério de classificação, tampouco assume que todas as línguas tapuias descendam de um mesmo ancestral. Ao confrontar os traços culturais e linguísticos dos Coroados do rio Bonito com os Botocudo, ele informa a impossibilidade de que estes dois

²² Saint-Hilaire informa, em nota, que a sua fonte é o *Dicionário jesuítico* publicado em Lisboa. De onde se infere que, necessariamente, trate do *Dicionário Brasileiro-Portuguez* publicado em Lisboa em 1795, cujo manuscrito foi encontrado no Convento do Maranhão e datava de 1751 (cf. Nunes 2006: 56).

²³ De fato, as duas listas foram anotadas em grupos Kaingang.

povos tenham os “tapuias” ou os Goitacazes como ancestral comum. Defende também que, apesar de receberem a mesma denominação pelos portugueses, os Coroados de Minas Gerais e os de Guarapuava não teriam como descendentes os Goitacazes, e tal afirmação está baseada em dois critérios: o linguístico – “a comparação do vocabulário de *Málière e do meu, com o que fiz do idioma dos Coroados dos Campos de Guarapuava, na província de São Paulo, não me ofereceu um só termo comum [...]*”²⁴ – e o cultural “[a denominação coroadado] *nem mesmo indica uma maneira idêntica de cortar os cabelos [...]*” (Saint-Hilaire 1975b [1847]: 39).

Ou seja, apesar de não propor uma classificação para as línguas indígenas com as quais ele entra em contato, Saint-Hilaire reconhece a sua diversidade, descartando a tese de que todas as línguas descendem de um ancestral comum. Entretanto, a sua resposta para a diversidade linguística está baseada na concepção de que as línguas e as culturas de povos ágrafos mudam de forma muito mais rápida que as línguas escritas. Por conta desta característica, o tempo que separa a disseminação dos Goitacazes pelas matas entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais após serem expulsos pelos portugueses do seu território original, em meados do século XVII, é suficiente para explicar os diferentes povos encontrados nessa região na época de sua viagem:

Parece certo que tiveram por progenitores a esses Goitacazes, que, expulsos pelos portugueses, por volta de 1630, dos campos vizinhos à foz do Paraíba (Campos dos Goitacazes), se dispersaram pelas florestas de Minas e do Rio de Janeiro. Os Goitacazes não podiam conservar, em florestas quase impenetráveis, os hábitos contraídos no meio de campos inteiramente descobertos; renunciaram à longa cabeleira, e o modo por que a cortaram lhes fez dar, por seus vencedores, o nome de Coroados. [...] As diferenças se explicam, aliás, pela facilidade com que se alteram as línguas de que não há literatura escrita; [...]. Não nos devemos, assim, surpreender de que tantas línguas diversas estejam espalhadas pela superfície do Brasil, onde uma multidão de hordas vivia mais ou menos isoladas umas das outras, e não nos espantaremos, tampouco, que as tribos de Goitacazes, separadas desde dois séculos, não falem mais exatamente a mesma língua. (Saint-Hilaire 1975b [1847]: 38).

Além das considerações comparativas, nos registros de Saint-Hilaire são encontradas reflexões de caráter tipológico, a mais recorrente é aquela relacionada à pronúncia: “*como os Malalis, Macunis e Monochós, os Machaculis falam com a garganta, quase sem abrir a boca [...]*” (Saint-Hilaire 1975a [1830], p. 273). Estas observações apontam para peculiaridades como nasalidade, ensurdecimento de vogais e consoantes, duração vocálica, aspirações e glotalizações. Por conta do trajeto de sua viagem, a maior parte das línguas registradas por Saint-Hilaire (dez das catorze) são, hoje, classificadas como pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, com representantes das famílias Krenák (Botocudo), Maxacali (Macuni, Monoxó, Malali e Maxacali), Purí (Coroadado) e Jê (Cayapó do Sul, Xacriabá e Kaingang) e estudos recentes têm apontado para características fonológicas comuns a diferentes agrupamentos dentro deste tronco linguístico.²⁵ Apesar desta característica, tais “*caracteres da fala*” são observados por Saint-Hilaire em línguas de outros agrupamentos linguísticos. Assim, ao registrar a Língua Geral falada na aldeia Rio das Pedras, no Triângulo Mineiro, explica que “*a língua das aldeias é falada com a boca quase fechada*”,

²⁴ O vocabulário foi coletado entre os Coroados do rio Chipotó.

²⁵ Cf. D’Angelis (1998), Salanova (2001), Wetzels (1995), entre outros.

acrescentando em seguida, “*é, como já foi dito, uma característica da raça americana*” (Saint-Hilaire 1975c [1848], p. 133). Os traços tipológicos levantados por Saint-Hilaire quanto à pronúncia das línguas estão baseados, necessariamente, no pressuposto biológico de raça: “*se existem traços fisionômicos mais ou menos comuns a todas as tribos indígenas, há também na pronúncia de todas, apesar da variedade de suas línguas, certos caracteres que me parecem pertencer à raça*” (Saint-Hilaire 1975a [1830]: 181).

Por fim, não se pode deixar de apontar as concepções do que seja língua para estes viajantes naturalistas. Orlandi (1994) explica que “*sob olhar naturalista a língua é colocada no mesmo lugar das coisas da natureza. A língua indígena pode ser mais ou menos sistemática, assim como as plantas podem apresentar características mais ou menos regulares*”. Tal concepção, em Saint-Hilaire, pode ser ilustrada com o trecho seguinte: “*não se pode julgar um idioma apenas por um punhado de palavras. Entretanto, o pequeno vocabulário chicriabá que transcrevi acima parece provar que se trata de um idioma sistematizado*” (Saint-Hilaire 1975c [1848]: 146). Orlandi (1994) acrescenta que nos textos dos viajantes-naturalistas deste período o que se destaca é “*a concepção segundo a qual a língua são palavras*” (p. 54). A conclusão da autora é que “*listar palavras e comparar línguas distintas, esta é a forma da ciência linguística que deriva desses textos*” (*id. ibid.*).²⁶

4. As listas de palavras Cayapó do Sul²⁷

Como indicamos anteriormente, Pohl e Saint-Hilaire produziram os únicos registros existentes sobre a língua dos Cayapó do Sul aldeados em São José de Mossâmedes, acrescenta-se ainda que este é o único registro comum entre os dois naturalistas. Nesta seção, destacaremos as principais características destes registros, apontando as principais divergências.²⁸

Os Cayapó do Sul entraram em contato com as frentes de colonização ainda no século XVII. O contato e necessariamente o conflito com os não indígenas foi intensificado no século XVIII com a expansão, no território goiano, da economia mineradora. Após diversos conflitos, um grupo Cayapó do Sul foi aldeado, em 1781, na Aldeia de Maria I, próximo à Vila Boa e já no início do século XIX foram transferidos para São José de Mossâmedes, aldeamento construído inicialmente para os Acroá, Karajá e Javaé, mas desabitado quando para lá foram os Cayapó do Sul.²⁹

²⁶ A discussão de Orlandi (1994) é, justamente, sobre a concepção de língua para dois viajantes naturalistas: Maximiliano Wied-Neuwied e Saint-Hilaire. Deste último ela utiliza como fonte a sua publicação sobre botânica: “*Plantes usuelles des brésiliens et histoire des plantes les plus remarquables de Brésil et du Paraguay*.”

²⁷ A denominação Cayapó do Sul (ou Cayapó Meridionais) é utilizada para diferenciá-los dos grupos Jê contatados no norte de Goiás e nordeste do Pará, que também receberam a denominação kayapó, Kayapó Setentrionais ou ainda Kayapó do Norte. Quanto à grafia, siga aquela adotada pelos demais estudiosos dos documentos Cayapó do Sul (Giraldin 1996; Rodrigues e Dourado 1993).

²⁸ A interpretação fonético-fonológicas, com breves apontamentos sobre a morfologia da língua, é tratada em Vasconcelos (2009; 2012; 2013), como parte da investigação da hipótese Cayapó do Sul-Panará, em que buscou-se estabelecer a representação fonético-fonológicas dos registros, bem como reflexões sobre a reconstrução de um sistema fonológico.

²⁹ Em meados do século XX, Os Cayapó do Sul foram dados como extintos (cf. Nimuendajú 1952, Lowie 1946 e Schaden 1954).

A lista de Emmanuel Pohl foi publicada no primeiro volume do seu relato de viagem (1832), conta com 64 itens e, como exposto, segue no apêndice ao capítulo em que o naturalista narra sua passagem por São José de Mossâmedes. Está disposta em duas colunas, a primeira com os itens em alemão e a segunda com a correspondência em Cayapó do Sul. Já a lista de Saint-Hilaire, teve sua publicação no segundo tomo do terceiro volume do “*Voyage dans l’Interieur du Brésil*”, que corresponde ao seu percurso pela província de Goiás. A lista de palavras de Saint-Hilaire tem 52 itens; ela está disposta em duas colunas, a primeira em francês e a segunda em Cayapó do Sul.

Um dos pontos de divergências entre os dois naturalistas é a grafia da denominação do povo. Pohl (1832) prefere “*Cayapó*”, forma concorrente com Caiapó, mais comum nos documentos e textos produzidos sobre este povo nos séculos XVIII e XIX. Já Saint-Hilaire (1848) prefere grafar “*coiapó*” que segundo ele é “*como se diz geralmente na região*”. Em suas entrevistas no aldeamento, Saint-Hilaire também anota a forma “*panariá*” para autodenominação.³⁰

Quanto às características fonéticas da língua, Pohl e Saint-Hilaire fornecem informações aparentemente contraditórias. O primeiro afirma que a língua dos Cayapó é proferida “*em parte, com a boca aberta*”, enquanto Saint-Hilaire (1848) explica que “*os Coiapós falam pela garganta e com a boca quase fechada*”. Tais observações, que tentam aproximar o leitor da realidade fonética da língua, são percebidas, tal como os registros dos termos que constam na lista de palavras, a partir da acuidade do ouvido do responsável pelo registro.

Trubetzkoy (1939), na discussão que faz sobre sistema fonológico, defende que o filtro fonológico do ouvinte fornece avaliações equivocadas da fonologia da língua alvo, o que, nos termos do fonólogo, significa que o ouvinte tem uma avaliação equivocada das oposições dessa língua alvo. Assim, as diferenças quanto aos registros de termos, seja dentro de uma lista de palavras, seja na denominação dada a um povo, envolvem também o filtro fonológico do ouvinte-annotador, ou seja, a percepção dos “*sons de uma língua estrangeira é condicionada pelas diferenças entre a estrutura fonológica da língua estrangeira e a língua materna do falante*” (Trubetzkoy, 1939).³¹

Para o registro propriamente dito é preciso considerar os instrumentos dos quais estes naturalistas lançam mão para representar os termos coletados. Como exposto, a base da transcrição de Pohl é a ortografia do alemão; contudo, claramente com adaptações e acréscimos. Tomemos como exemplo *uncuá* ‘casa’ e *pujanka-unkua* ‘igreja’ (literalmente casa de *pujanka*), em que temos para um mesmo termo dois grafemas, <c> e <k>. Estes dois grafemas, na ortografia do alemão, representam, respectivamente, a coronal [tʃ] e a velar [k]; contudo, nos registros Cayapó do Sul, uma vez que [tʃ] é representado por <z>, a interpretação mais provável é que <c> e <k> estejam representando a velar [k]. Este exemplo ilustra também o uso dos diacríticos e a problemática de identificar a sua função, pois, como podemos observar, o mesmo termo alterna com a presença e a ausência de diacrítico agudo. Em outros cinco itens, Pohl marca dois diacríticos agudos num mesmo item. Nesse caso, uma interpretação possível é que a dupla marcação esteja indicando junção de morfema, como em *piankákianká* ‘papel’ (*pianká*+*kianká*). Em outros sete itens o diacrítico está ausente, por exemplo, *amschiti* ‘estrelas’ e *pujanka* ‘Deus’.

³⁰ É justamente essa autodenominação uma das motivações de Heelas (1979) para considerar a hipótese dos Panará terem migrado da região centro sul de Goiás para a região do Peixoto de Azevedo, Norte do Mato Grosso (Cf. Giralдин 1996; Vasconcelos, 2013).

³¹ Os trechos citados são traduções de Wilmar D’Angelis.

Já Saint-Hilaire, seguindo a ortografia do português, soluciona os limites impostos pela grafia com a descrição do som, seja aproximando-o do som de outra letra do alfabeto adotado (“o r tem o som de l”), seja evidenciando uma característica de um conjunto de letras (“o an é muito prolongado”), seja colocando como referência o francês – língua original da obra e necessariamente conhecida do leitor – (“a pronúncia do u nessa palavra corresponde ao iou francês”). Saint-Hilaire também lança mão dos diacríticos, porém, explicitando a função deste sinal gráfico: “a tônica cai geralmente na penúltima sílaba, a menos que o acento (´) indique uma ou várias sílabas acentuadas; quando o acento é sobre a letra o, ela é pronunciada como a nossa [língua francesa] or. O e acentuado tem o som do nosso é [...]” (Saint-Hilaire 1975c [1848]: 68). É importante ressaltar que as descrições do uso do diacrítico seguem em uma nota de rodapé dedicada a aproximar o leitor francês não só da pronúncia da língua indígena, mas também da ortografia adotada, no caso a do português.³²

Entre as considerações, observações e conclusões de Saint-Hilaire que seguem ao registro do Cayapó do Sul, merece nossa atenção ainda a avaliação que o naturalista faz da lista de palavras coletada por Pohl. Os diários de Pohl foram publicados quase uma década antes do volume de “*Voyage dans l’Interieur du Brésil*”, correspondente ao percurso de Saint-Hilaire por Goiás. Como exposto anteriormente, Moraes (1940) explica que Saint-Hilaire, ao redigir a versão de publicação de seus relatos, tem à disposição diversos documentos e textos sobre o Brasil, o que ele demonstra em diversos trechos da sua obra, citando nomes como de Wied-Neuwied (1782-1867), Eschwege (1777-1855), Gardner (1812-1849), Martius (1794-1868), Spix (1781-1826), Cunha Matos (1776-1839), entre tantos outros. Não seria diferente com a publicação de Pohl (1832-1837). O trecho a seguir é apresentado na mesma nota em que o naturalista francês faz considerações sobre a pronúncia e a representação dos sons do Cayapó do Sul:

Por ter desejado seguir a ortografia alemã, Pohl em seu vocabulário foi levado a cometer vários erros. Assim, não encontrando em sua língua uma letra correspondente ao *j* dos portugueses e dos franceses, ele escreveu *caschoné* ao invés de *cajoné*, e não lhe sendo possível reproduzir graficamente o som do *nh* do português ou *gn* francês, ele registrou *tapanio* em lugar de *tapanho*.

De fato, sou levado a crer que, à falta de um melhor conhecimento da língua portuguesa, ele tinha deixado escapar vários erros. Se, por exemplo, *itpé* quer dizer *homem branco*, não é plausível que *itpé-pri*, evidentemente um composto de *itpé*, signifique criança em geral” (Saint-Hilaire 1975c [1848]: 68).

Percepção e representação estão em jogo nos comentários de Saint-Hilaire ao registro de Pohl. A suposição de Saint-Hilaire é que as escolhas de Pohl por esta ou aquela representação advém da ausência de letras adequadas. No entanto, para um mesmo termo – *caschoné*, em Pohl, *cajoné*, Saint-Hilaire – o que se observa são percepções fonéticas diferentes; o primeiro percebe uma consoante surda onde o segundo percebeu uma sonora. Em outra correspondência, Saint-Hilaire anota uma fricativa coronal <s> onde Pohl tem a palatal <sch>: *amsití* e *amschiti* ‘estrela’, respectivamente. Ou ainda, uma correspondência de <tsch> : <ts>: *itsché* (Pohl) e *itse* (Saint-Hilaire) ‘arco’, africada álveo-palatal no primeiro

³² Como explica Nunes (2006: 52) “com a ausência, até o início do século XIX, da imprensa, os relatos só foram publicados na Europa, sendo pouco difundidos no Brasil”. De fato, tanto os diários de Pohl quanto os de Saint-Hilaire só são traduzidos e publicados no Brasil na primeira metade do século XX.

e africada coronal no segundo. A variação de uso do diacrítico agudo melhor evidencia que as divergências encontradas na transcrição de um mesmo termo estão relacionadas mais à percepção do que à representação. Pohl (1832) anota para ‘terra’ *cupá*, enquanto Saint-Hilaire anota *cúpa*, ou ainda ‘peixe’ em Pohl *tepu* e Saint-Hilaire *tépo*. Lembramos que a função do diacrítico em Saint-Hilaire é informada, enquanto em Pohl (1832) só se pode levantar hipóteses. Uma dessas hipóteses ao uso do diacrítico em Pohl é que esteja marcando tonicidade silábica, uma vez que o alemão tem grafemas específicos para marcarem abertura vocálica. Sendo este o caso, Saint-Hilaire percebe a tônica na penúltima sílaba, enquanto Pohl vai percebê-la na última. Caso a hipótese sobre a função do diacrítico em Pohl esteja correta, mais uma vez estamos diante de percepções fonéticas diferentes e não representações diferentes. Percepções resultantes tanto da sensibilidade fonética quanto do filtro fonológico do sujeito responsável pela coleta.

Quanto à disposição e os termos coletados, por fim, não nos deteremos em detalhes, pois sua caracterização foi apresentada em seções anteriores (seção 2 para Pohl e seção 3 para Saint-Hilaire). Como apresentado nessas seções, uma das principais divergências entre estes dois naturalistas está no fato de que Saint-Hilaire se ocupa com a comparação entre as línguas que ele registra, em resposta à diversidade linguística encontrada, enquanto em Pohl não observamos esta preocupação.

Foi discutido, também, que em Saint-Hilaire pode-se observar o estabelecimento de padrões nos registros, tanto de apresentação quanto de conteúdo e ordem, possivelmente resultado da repetição da atividade de registro das línguas. Neste aspecto, é justamente a partir do registro Cayapó do Sul que o padrão começa a ser adotado, o que significa: interrupção do gênero narrativo para inserir duas colunas, tendo o francês como entrada na primeira coluna e a correspondência em língua indígena na segunda; manter a opção por vocabulário básico,³³ com pelo menos um termo para cada campo semântico; a tentativa de repetir os itens coletados em uma língua no registro da língua seguinte; e, por fim, aproximar a ordenação dos termos. Esta última característica fica evidente quando comparamos os itens do Cayapó do Sul com as listas da Língua Geral da Aldeia das Pedras (Triângulo Mineiro) e do Xacriabá, registradas no mesmo ano e publicadas no mesmo volume dos seus diários (*Voyage aux Sources du Rio São Francisco et dans la Province de Goyaz* t. 2).

Os registros linguísticos realizados pelos viajantes-naturalistas da primeira metade do século XIX se inserem na perspectiva do comparatismo (Auroux & Horde 1992); resultam, em alguns casos acidentalmente, em compilações para fins de classificação e comparação. É, sem dúvida, a intenção comparatista que vai possibilitar a instrumentalização, ou seja, a produção de gramáticas e dicionários, das línguas registradas na segunda metade do século XIX, isto é, apesar do comparatismo estar presente tanto nos viajantes naturalistas da primeira como da segunda metade do século XIX, somente estes últimos vão dar mais atenção à descrição fonológica e morfossintática das línguas, agregando técnicas dos neogramáticos e seus pressupostos. Os naturalistas alemães da segunda metade do século XIX vão dar um novo direcionamento para estas viagens em que a etnografia, e a análise das línguas, deixam de ser secundárias e passam a primeiro plano.

³³ Conjunto de itens comuns aos diferentes registros de Pohl.

Já no último quarto daquele século formar-se-á uma rica rede de estudiosos estrangeiros e brasileiros voltados para etnografia e linguística indígena.³⁴ No período delimitado neste estudo, o primeiro quarto do século XIX, tanto a etnografia quanto a linguística indígena são atividades secundárias dos botânicos, zoólogos, geógrafos, mineralogistas, astrônomos, entre outros e outras especialidades.

5. Considerações finais

A produção de listas de palavras é uma das principais práticas linguísticas dos viajantes naturalistas da primeira metade do século XIX, e neste estudo tomamos como foco a produção de listas de palavras por dois deles que estiveram no Brasil no primeiro quarto daquele século: Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire. Nas seções anteriores apresentamos as principais características dos seus registros e práticas e por fim apontamos as principais divergências encontradas no registro do Cayapó do Sul do aldeamento de São José de Mossâmedes, coletadas no ano de 1819. As listas de palavras anotadas por estes viajantes naturalistas são reproduzidas por Martius em seu *Glossaria*, já na segunda metade do século XIX, e também em publicações brasileiras como a de Couto de Magalhães.³⁵

Dentre os registros realizados, as listas de palavras Cayapó do Sul foram até as últimas décadas do século XX as principais fontes linguísticas sobre a língua deste povo indígena, apesar das publicações de Kupfer (1870) e de Ehrenreich (1894), as quais passaram despercebidas pelos principais estudiosos de línguas e culturas Jê. Por exemplo, Davis (1966) não define a filiação dos Cayapó do Sul à família Jê por conta dos escassos registros disponíveis.³⁶

Por fim, entende-se que a prática de Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire devem ser analisadas como pertencentes ao saber científico daquele momento histórico, em que são observadas as soluções adotadas no registro de línguas não-europeias, entre outros pontos de interesses, analisando as respostas encontradas para a diversidade linguística com a qual se depararam.

NOTA SOBRE AS FONTES. Foram utilizadas neste estudo as primeiras publicações dos diários de Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire disponíveis na Coleção de Obras Raras da Biblioteca Central César Lattes da Universidade Estadual de Campinas (BCCL/UNICAMP) e as traduções da Editora Itatiaia em parceria com Editora Universidade de São Paulo, da década de 1970. Quando necessário, também foram utilizadas as traduções do Instituto Nacional do Livro (INL) e da Companhia Editora Nacional, das décadas de 1940 e 1950. Versões digitalizadas da primeira edição do tomo I do diário de Pohl e as primeiras edições dos diários de Saint-Hilaire também estão disponíveis no site *acrhive.org*. Já as traduções dos diários de Saint-Hilaire pela Companhia Editora Nacional podem ser consultadas no site da Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (<http://www.brasiliana.com.br>).

³⁴ Sobre os estudos sul-americanistas, conferir Christino (2006).

³⁵ Conferir Couto, M. *Viagem ao Araguaia*. 7 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. Originalmente publicado em 1863 e, em 1889, a segunda edição com texto e integral e reprodução dos vocabulários. Couto de Magalhães insere em seu diário pelo rio Araguaia as listas de palavras dos Xavante, Karajá e Cayapó do Sul disponíveis no *Glossaria* de Martius (1867).

³⁶ As listas Cayapó do Sul de Alexandre Barbosa (1918) e Lemos da Silva (1882) ficaram desconhecidas dos estudiosos de língua e cultura Jê até década de 90 do século XX.

Referências

- Almeida, Rita Heloisa de (2006). *Xakriabá – cultura, história, demandas e planos*. Brasília: FUNAI.
- Auroux, Sylvain (1992a). *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas/SP: Editora UNICAMP.
- Auroux, Sylvain (1992b). Note sur les progrès de la phonétique au XVIII^e siècle. In Sylvain Auroux (org.). *Histoire des idées linguistiques. Le développement de la grammaire occidentale*, vol. II, pp. 598-606. Lièges/Bruxelas: Mardaga.
- Auroux, Sylvain; Horde, Tristan (1992). Les grandes compilations et les modèles de mobilité. In Sylvain Auroux (org.). *Histoire des idées linguistiques. Le développement de la grammaire occidentale*, vol. II, pp.538-79. Lièges/Bruxelas: Mardaga.
- Barbosa, Alexandre de Souza (1918). *Cayapó e panará*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB.
- Beluzzo, Ana Maria (1996). A propósito d'O Brasil dos Viajantes. *Revista USP* 30: 8-19.
- Cabral, Teodoro (1951). Prefácio para *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Austria Francisco Primeiro*, parte II, por Emmanuel Pohl. São Paulo: Instituto Nacional do Livro.
- Costa, Christina Rostworowski da (2008). *O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815-1817)* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Christino, Beatriz Protti (2006). *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-ĩ em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929* (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Cruz, Aline da (2005). *O resgate da língua geral—Modos de representação das unidades linguísticas da Língua Geral Brasileira e do Tupi Austral na obra de Martius (1794–1868)* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Davis, Irvine (1966). Comparative Jê phonology. *Estudos Linguísticos* 1(2): 10-24.
- Ehrenreich, Paul (1894). Materialien Zur Sprachkunde Brasiliens. *Zeitschrift fur Ethnologie* 26: 115-137.
- Giraldin, Odair (1996). *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central*. Campinas/SP: Editora UNICAMP.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] (2010). *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Kury, Lorelai (2003). Auguste de Saint-Hilaire: viajante exemplar. *Intellèctus*, ano II, 1-11. Disponível em: <http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano2n1/Texto%20de%20Lorelai%20Kury.pdf> Acesso em janeiro, 2017.
- Kury, Lorelai (2001). Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, ciências e saúde – Manguinho*, VIII (Supl.): 863-880.
- Lemos da Silva, Joaquim (1882). *Os índios Cayapós*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB.
- Lowie, Robert H (1946). The Southern Cayapó. In Julian H. Steward (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 1, pp. 519-20. New York: Cooper Square Publishers INC.
- Moraes, Rubens B. (1940). Prefácio para *Viagem ao Rio Grande do Sul e resumos das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, por Auguste de Saint-Hilaire. São Paulo: Martins editora.

- Mota, Lucio Tadeu (2006). A revista do Instituto Histórico e Geográfico e Brasileiro (IHGB) e as populações indígenas no Brasil do II Reinado (1839-1889). *Diálogos* 10 (1): 117-142.
- Nimuedajú, Curt (1952). Os Gorotire. *Revista do Museu Paulista – Nova Série* V: 427-453.
- Nunes, José Horta (2006). *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes.
- Orlandi, Eni Puccinelli (1994). A natureza e os dados. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 27 (1): 47-57.
- Pohl, Johann Emmanuel (1832-1837). *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhöchsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser. 2v.
- Pohl, Johann Emmanuel (1951). *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Austria Francisco Primeiro*. Tradução de Teodoro Cabral. São Paulo: Instituto Nacional do Livro. Parte I-II.
- Pohl, Johann Emmanuel (1976). *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Rios, José. A. (2009). Saint-Hilaire no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 444: 187-202.
- Rodrigues, Aryon. Dall'Igna (1993). Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *DELTA* 9 (1): 83-103.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1830). *Voyage dans les Province de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*. Paris: Grimbert et Dorez.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1833). *Voyage dans le District des Diamans et sur le Litoral du Brésil*. Paris: Librairie GIDE.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1847-1848). *Voyage aux sources du Rio de. S. Francisco et dans la province de Goyaz*. Paris: Arthus Bertrand.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1851). *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sant-Catherine*. Paris: Arthus Bertrand.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1833 [1974a]). *Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1974b). *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1975a). *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1975b). *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1975c). *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1976). *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1978). *Viagem a Curitiba e província de Santa Catarina*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- Schaden, Egon (1954). Os primitivos habitantes do Estado de São Paulo. *Revista de História*, (São Paulo) 18: 396-411.

Silva, José Pereira da (2006). Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista SOLETRAS* 11: 131-143.

Trubetzkoy, Nikolay (No prelo). *Princípios de fonologia*. Tradução de Wilmar D'Angelis. Título original: *Grundzüge der Phonologie* (1939).

Wied-Neuvied, Maximiliano (1820 [1958]). *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.

Recebido 23/01/2017

Aceito: 31/1/2017.